

25 ANOS DE HISTÓRIA DO PROJETO FREUDIANO: O PASSADO NO PRESENTE

Roseli Maria Rodella de Oliveira

Decidir o que dizer sobre os 25 anos do Projeto Freudiano não é tarefa fácil. O que comemorar? O que falar, o que não falar sobre nossa história? O que lembro e o que esqueci? Sabemos que não temos controle consciente sobre o que esquecer e lembrar; a história deve ter perdido alguns fios. Fiquei me perguntando logo a seguir: O que é história? Diante de tantas possibilidades e impossibilidades, diante da angústia da folha em branco, temos uma boa saída na psicanálise lacaniana: o discurso sempre se depara com o impossível de dizer, com o indizível. Mas vou dizer algo, não a totalidade, certamente.

Quero primeiro enfatizar que esta reunião se trata de uma comemoração e comemoração quer dizer reunião de pessoas para celebrar, festejar algum evento, e também significa cerimônia realizada em memória de um acontecimento importante. Tem como sinônimo acontecimento, acaso, recordação, lembrança, entre outros.

Privilegio os sinônimos *Recordar e Acaso*.

Comemorar o passado no presente - Recordar. Como pode ser o passado no presente? Duas épocas distintas podem coexistir? Diz Freud que o inconsciente é atemporal e ele também nos ensina com o conceito de transferência que o analista analisa a atual "superfície psíquica" do paciente, o que Lacan traduziu por "atualização da realidade do inconsciente". Comemoramos, então, a descoberta freudiana, o inconsciente e a práxis da psicanálise que possibilita o recordar, o atualizar do inconsciente.

No sentido ainda de recordação penso em memória histórica e me reporto à Fernando Novais (2013), um historiador brasileiro, quando diz que "a história trata sempre de todas as esferas da existência, porque o historiador visa sempre reconstituir os acontecimentos humanos, não apenas explicá-los". A chamada memória histórica existe porque há a necessidade de um tipo de memória, que é a narrativa do que aconteceu. Então, continuando com o historiador, "a memória não é só uma característica qualquer, é uma característica instituinte da humanização..." (NOVAIS,

2013), porque possibilita o discurso, diria Lacan. Ao narrarmos uma história descrevemos um fato histórico ou comum, particular, subjetivo. Os nossos pacientes depositam sua narração no divã, narram sua história singular a partir do dispositivo criado por Freud. Da mesma forma que o psicanalista tem que ir até o fim da análise, o historiador tem que levar até o fim o seu estudo porque o objetivo final, a reconstituição histórica, exige atingir o acontecimento singular. O psicanalista também tem que ultrapassar as explicações para que a reconstituição busque a singularidade do sujeito.

Freud retoma mais de uma vez sua teoria da rememoração e também o faz em “Construções em Análise” (FREUD, 1937), pois estava preocupado com o final da análise, logo após escrever “Análise terminável e interminável” (FREUD, 1937). Em ambos os textos se depara com o fato de que no final da análise sempre sobra um resto. Afirmando que o trabalho da memória é feito tanto pelo analisando quanto pelo analista, compara partes do trabalho do analista ao do arqueólogo que reconstrói um passado “pré-histórico” cuja memória o analisando não é capaz de alcançar, reconhece que há um limite para a rememoração da qual só restaram traços. Não podemos recuperar todas as lembranças. Freud descobre que o que não pode ser rememorado retorna de outra forma, por meio da repetição, por aquilo que se repete na vida do sujeito, sem que o perceba. A memória e o ato de rememorar não são o desvelamento de situações originárias, primitivas, mas a reinscrição de processos passados a partir do presente.

Já Lacan (1959-1960/1988) coloca no fundamento da memória a pulsão de morte, dizendo que esta comporta uma dimensão histórica – memorizada, historizada –, pela insistência do que ela articula em relação à cadeia significante. Baseando-se em Freud, afirma que a pulsão de vida aglutina, une e a pulsão de morte dissolve, destrói para criar novas formas de existência, por conseguinte, historiza (LACAN, 1959-1960/1988, p. 258). A pulsão, ao se inscrever na cadeia significante, deixa um resto, que é a pulsão de morte. A pulsão se articula com a linguagem e, ao mesmo tempo, algo escapa dela, situa-se fora-da-linguagem. Por conseguinte, a pulsão de morte é destruição e criação, uma potência destruidora, criativa que força a representar o irrepresentável; ela é sublimação criacionista no sentido em que cria o mundo simbólico, a cultura. (GERBASE, 2010).

Agora retomo *Comemoração* no sentido de *Acaso*; o sentido grego de acaso que Lacan retoma no Sem. 11 (1964), a *tiquê e o automaton* de Aristóteles para falar sobre

aquilo que nos acontece sem que nossa vontade predomine, o imprevisível, sem o nosso controle - o acaso. *Tiqué* era deusa da fortuna, e é nesse sentido que lembro dessa passagem lacaniana, para me referir a um encontro, um encontro falho, não no sentido de encontro fracassado ou mau. E é do meu encontro, no Nordeste, com a psicanálise e com as pessoas que o possibilitaram que me refiro agora.

Partimos do lugar de graduados em Psicologia em busca da "formação" em Psicanálise. Todos os membros que fundaram o Projeto tinham a formação de psicólogo. Formação esta que nos habilitava exercer o que nos movia e nos move todos esses anos - a clínica -, mas não o suficiente para o nosso desejo, o que impulsionou alguns ao caminho da Psicanálise. O percurso por nós realizado junto ao Projeto e à Escola, possibilitou não somente o estudo teórico, a consolidação da "profissão" escolhida, a de psicanalista, mas também o mais significativo e o mais importante: as mudanças em nossa história pessoal. A *tiqué*, a fortuna, é que "uma psicanálise pode permitir ao sujeito descobrir que é um diretor de uma vida; a sua própria" (STRAUSS, 2013).

Quando nos envolvemos com uma instituição analítica e não outra - eu mesmo tive oportunidade de frequentar um grupo de estudos de psicanálise antes dos grupos que deram origem ao Projeto Freudiano-, quando se escolhe um analista, quando se decide por um supervisor não se trata nessa escolha de uma lógica social, trata-se do que Freud descobriu com o conceito de inconsciente: que cada sujeito estrutura sua relação particular com o desejo, relacionando-o ao desejo do Outro, desejo este enigmático. E nesse percurso pode ou não surgir o desejo de analista, que será o que ira sustentar, com seu próprio desejo, cada análise que conduzirá.

E as pessoas que possibilitaram esse encontro, *tiqué*, com a psicanálise, quero deixar aqui os meus agradecimentos.

A Alba, que com seu desejo decidido pela psicanálise, trouxe a "peste" para Sergipe. Aqui estou parafraseando Freud que disse a Jung, quando foram proferir uma conferência nos EUA, em 1909: "eles não sabem que estamos trazendo a peste?" Em sentido metafórico, "a peste", ou seja as ideias de Freud eram, e são, até hoje subversivas no campo das ciências médicas, sociais e humanas visto que, ainda hoje, a subjetividade humana parece muitas vezes descartada. As suas concepções introduziram

uma profunda revisão da imagem tradicional do homem como ser pensante, racional, subvertendo também a ideia que se fazia da infância e da inocência que lhe era atribuída. Com Freud, a razão é retirada de seu lugar unificador e convergente das ideias e, em seu lugar, instalou-se uma fenda. Freud fundou uma nova discursividade, trouxe ao mundo das ideias um novo discurso de um novo ponto de vista, instaurando uma nova razão.

A Jairo digo que sua postura ética possibilitou que nós todos aqui em Sergipe andássemos com nossas próprias pernas. As demandas de análise e supervisão que surgiam de Sergipe para Jairo eram encaminhadas para nós que, iniciantes, tínhamos que nos haver com essas demandas porque, em nossa ética, ainda não nos autorizávamos a atender como psicanalistas. Jairo, apesar de ser baiano, jamais se colocou no lugar de "colonizar" o "quintal" Sergipe, respeitando o nosso espaço e o nosso percurso clínico. Os laços transferenciais nos uniram à causa analítica e nessa causa nos encontramos até hoje.

Agradecendo os que estão conosco hoje, colegas e amigas: Márcia Polido, Tereza Rolemberg, Katarina, Daniela, Alessandra Santos, Carina, Laize, Aldenora, Alessandra Ribeiro, Esther, Ana Claudia. Pelo que recebemos e pelo que vivemos, pois cada um com seus questionamentos, inquietações, sua busca no caminho do seu próprio desejo possibilitaram também o nosso próprio caminho na psicanálise.

E repetindo a vida... enquanto uns chegam outros partem para outros rumos, queria lembrar e agradecer os colegas/amigos que já estiveram nessa causa conosco e que de alguma forma foram fundamentais também para o que se delineou como o Projeto Freudiano hoje: Heloísa Prudente, Carla Storino, Selma Araújo, Fátima Sabino, Hortência Alves, Ângela Dias, Socorro, Lucinha, Fabíola, Norma, Roberto, Augusto...

Entre o que foi fundado há 25 anos e o que se tornou hoje o Projeto permeia toda uma história, uma série de acontecimentos. Somente destaco, e não poderia deixar de fazê-lo, agora uma particularidade com o Projeto e, porque não dizer com Sergipe. Um traço de minha história se tornou parte da nossa relação com o Projeto. Quando escolhiam as aulas dos cursos e seminários do Projeto o mesmo texto freudiano sempre era designado a mim. Vocês insistiam que eu o apresentasse. Não sei se o motivo principal da escolha era o que vocês irão identificar agora assim que eu terminar essa

frase - o texto é "Recordar, repetir e elaborar". Não tinha como dar a aula sem rir do meu sotaque . Agora, vou confessar que sempre esperei que quando me convidavam a dar essa aula era por algo mais do que o meu sotaque. Mas não tinha jeito: o pai de uma amiga minha dizia que até as galinhas no estado de São Paulo faziam "pir corococor".

E para finalizar minha fala, termino com o começo, o de nossa Instituição, o Projeto Freudiano e o começo de Freud. Na introdução o Editor Inglês ao "Projeto para uma Psicologia Científica", nome que originou o Nosso Projeto e um dos primeiros textos de Freud, termina com a frase: "o Projeto deve continuar sendo o que é - uma obra inacabada... (1987, p. 321).

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. (1895/1950). Projeto para uma psicologia científica. In:**Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. I, Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. (1937). **Análise terminável e interminável**. v. XXIII, Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. (1937). **Construções em Análise**. v. XXIII, Rio de Janeiro: Imago, 1975.

GERBASE, Jairo. **A hipótese lacaniana**. Salvador: Associação Campo Psicanalítico, 2010.

LACAN, Jacques.(1959-1960). **Seminário 7, A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

_____. (1964). **O Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

NOVAIS, Fernando. **Revista Brasileira de Psicanálise**. Volume 42, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v42n2/v42n2a02.pdf>> Acesso em 01/10/2013.

STRAUSS, Marc. **Apresentação do Encontro Internacional da EPFCL, Os paradoxos do desejo**. Disponível em: <http://paris2014.champlacanien.net/?page_id=69> Acesso em 01/10/2013.